

PRIMEIROS PASSOS DA DOCÊNCIA: CONHECENDO A REALIDADE ESCOLAR E ENCARANDO DESAFIOS.

Autora: Francisca Fernanda dos Santos¹

Co-autora: Fátima Nailena da Fonsêca Cordeiro²

RESUMO

Este trabalho é resultado da disciplina de Prática Docente I da graduação em Licenciatura Plena em História. Buscamos expressar as vivências durante o período ao qual estivemos inseridos na Escola de Ensino Fundamental Valdetrudes Edith Holanda, na turma do 7º Ano A, no turno da manhã, localizada no município de Limoeiro do Norte-Ceará. Dentre nossos principais objetivos destacamos o exercício da docência praticado nas séries fundamentais na disciplina de História. Como também, a importância da prática em sala de aula desde a graduação, mesmo que de forma rápida. E ainda mostrar que é possível realizar atividades, e obter recursos didáticos com materiais simples e rápidos de produzir. Procedemos, primeiramente com observações e produção de um diário de campo, do qual praticamos o exercício de registrar nossas vivências durante o período do estágio. Além disso, na qualidade de ministrantes procedemos ainda com as regências. Nestas aulas optamos pela utilização de materiais didáticos simples e artesanais, resultando em aulas dinâmicas sem a utilização de recursos tecnológicos, ressaltamos ainda, que o modelo por nós adotado obteve resultados positivos, pois conseguimos chamar atenção dos discentes, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem fosse bem proveitoso e construtivo.

Palavras-chave: Docência. Aprendizagem. Ensino de História

ABSTRACT

This work is a result of the discipline of Teaching Practice I from the licentiate in History. We aim to express the experiences during the period which we were inserted in the Elementary School Valdetrudes Edith Holanda on 7th grade, which was in the morning shift and is located in the city of Limoeiro do Norte, Ceará. In our main objectives we highlighted the teaching practice implemented in the initial grades on the History subject. As well as the

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Ceará, *campus* Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos- FAFIDAM- UECE.

² Graduada em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Ceará, *campus* Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos- FAFIDAM- UECE.

importance of practice in the classroom since graduation, even if quickly. And also show that it is possible to carry out activities, and obtain educational resources with quick and simple materials to produce. We proceed, at first, with observations and the production of a field journal, in which we recorded our experiences during the stage period. Furthermore, as teachers we proceeded with the regencies. In these classes we chose to use simple and handmade educational materials, resulting in dynamic lessons without the use of technological resources. We also enhanced that the model we adopted got positive results, because we could draw the attention of students, making the teaching and learning process were very productive and constructive.

Keywords: teaching, learning, history teaching

INTRODUÇÃO

É fundamental para um Curso em Licenciatura haver um contato, mesmo que mínimo, com as escolas- sejam elas situadas na cidade ou nas comunidades- durante o percurso da graduação. Não se faz diferente no Curso em Licenciatura Plena em História, que mesmo com uma demanda baixa de carga horária nas escolas, se faz necessária a inserção, mesmo que introdutória, do aluno do Ensino Superior no âmbito escolar.

Que esta introdução à prática docente, possa permitir ao discente da graduação, além dos primeiros contatos com a escola enquanto instituição, à vivência e experimento das possibilidades e desafios no ensino. Além disso, é importante e se faz necessário, esta inclusão do discente, não para capacitá-lo, mas sim, proporcionar ao estudante de ensino de História a experiência, mesmo que mínima, da docência.

A escola, por nós trabalhada, foi a Escola de Ensino Fundamental Valdetrudes Edith Holanda, da qual é situada no Bairro Bom Nome, na cidade de Limoeiro do Norte, no Estado do Ceará. Na turma especificamente de 7º ano do ensino fundamental.

Nessa escola foram feitas ao total, entre três e quatro observações, tanto físicas e materiais estruturais, quanto organização e funcionamentos, dentro e fora de sala de aula. Ainda foram feitas três regências, das quais tiveram a intenção de fazer com que as alunas da graduação tivessem e vivenciassem a experiência da docência, saindo um pouco da teoria, mas também na prática.

Nas regências optou-se por não fazer uso dos recursos didáticos, proferidos de Novas Tecnologias, devido ao fator de que se tentou ministrar aulas simples, a fim de conciliar com a realidade que o professor enfrenta nos dias atuais.

Nas páginas adiante, nos deparáramos com aspectos mais minuciosos, do eu foi visto e vivenciado. Veremos como esta experiência teve como resultado. E o que dela pode-se tirar como exemplo, e o que precisaria ser melhorado ou não aplicado. Enfim, percorreremos tudo que foram observados e analisados sobre as possibilidades e desafios da escola e a sala de aula.

RELATANDO AS EXPERIÊNCIAS

Antes das regências, para nos inserimos em primeiro momento na escola, foram por meio das observações. Tanto de forma geral, ou seja, a escola, como também e principalmente na sala de aula. Foram feitas três observações, em três aulas e concomitante a isso, fizemos também a análise geral da escola em si. Deixar claro, ainda que, antes das observações propriamente ditas, falamos com a professora e com a coordenação da escola, para que nos possibilitasse fazer esse trabalho.

Em conversa com a professora Maria José, tínhamos opções das turmas nas quais iríamos efetuar nossas atividades, diante disso optamos pela turma do 7º ano A, nos dias de quarta-feira, pela manhã, logo nos primeiros horários de aula do dia. Sendo que, nosso primeiro contato com a turma, não foi direto, pois antes da data marcada para iniciarmos as observações em sala, visitamos a feira de ciências da escola, e lá conhecemos um pouco os alunos e os trabalhos que estavam apresentando.

A organização dentro da sala de aula é feita através do mapeamento. Esse é elaborado no início do ano letivo pelos professores, com a finalidade de distribuir a sala para que haja maior aprendizagem. Esses mapeamentos nada mais são, do que filas, ou seja, os alunos ficam uns atrás dos outros. Isso porque, segundo a professora Maria José, pode-se ter mais o controle dos alunos em sala; que assim, não estimulava as conversas paralelas, e poderia apresentar bons rendimentos nas disciplinas. No entanto, nem sempre o objetivo desses não é atingido com sucesso.

Durante o período de observação, nos foi possível perceber o quanto foram importantes, esses dias de observação, pois nos possibilitaram conhecer em primeiro

momento o ambiente escolar. Inseriu-nos um pouco no cotidiano não só escolar, mas também, especificamente, da turma.

Percebemos que, o trabalho do docente é árduo e que nem sempre se obtém resultados positivos do que se espera. Que desafios enfrentaríamos nas regências, mas que tínhamos noção do estilo de sala que era, ou seja, como era a dinâmica da turma do 7º ano A da Escola Valdertrudes Edith Holanda.

Em um primeiro contato, como ministrantes da aula, notamos por parte dos alunos uma dispersão que é recorrente durante as aulas, além disso, as conversas paralelas ocorrem com uma grande frequência, cabendo a nós educadores traçar estratégias para chamar a atenção do educando.

A experiência do estágio para nos futuros professores, nos é interpretada como uma forma de manter contato direto com a escola, possibilitando assim, um conhecimento da dinâmica da escola básica. Sendo esta uma experiência a ser compartilhada e discutida, sobretudo porque as vivências na escola devem ser debatidas entre nós graduandos, para que seja possível um aprimoramento da nossa formação como profissionais do ensino.

Na qualidade de estagiárias, a experiência de ser ministrante, possibilita uma análise, e através dessa uma reflexão sobre as dificuldades que encontramos no âmbito escolar, sendo estas: uma ausência de um suporte, que possibilite ao professor elaborar uma aula com estratégias mais dinâmicas, a própria estrutura física da escola acaba dificultando de certo modo limitando o educador.

Das nossas considerações finais sobre a prática docente, acreditamos que cumprimos com o que foi proposto em nossas aulas, mesmo com pequenos imprevistos que ocorreram durante todo o processo de aprendizagem que desde as observações até as práticas em sala. Sobretudo querendo ressaltar aqui a importância que foi este primeiro contato com a escola pública municipal, sendo este de grande importância para a nossa formação.

Durante as regências, nos foi possível nos aproximar, do modelo de educação básica, que é aplicado no Brasil, além disso, foi possível perceber a dinâmica, presente na escola, e conhecer mais a forma de organização do ambiente escolar público, cabendo assim a cada um retirar desta experiência o máximo de aprendizado.

Como experiência vivenciada, nos foi possível perceber que ao passar do tempo vamos, nos adequando a sala de aula, e ao passo que vamos conhecendo turma fica mais fácil ganhar um discernimento e uma melhor autonomia perante os alunos. Além disso, fica mais fácil manter um domínio da forma de passar o conteúdo. A partir do momento ao qual o professor conhece os seus alunos e passa a compreender melhor o seu cotidiano, fica mais fácil fazer uma aproximação deste aluno e o conhecimento passado em sala.

TEORIZANDO A PRÁTICA

Uma das ações importantes que devem ser executadas e vivenciadas, para os estudantes de graduação em licenciatura seria a prática da docência, ou seja, o estágio. Isso possibilita ao aluno estudante do Ensino Superior a ingressar nas escolas de nível básico. Até porque, o curso em si, está preparando profissionais na área de ensino, e nada mais coerente, seria o retorno, a escola e principalmente, a sala de aula. Isso é claro logo após estudos teóricos.

Faz-se necessário essa prática porque de certa forma, há um distanciamento, não só entre as instituições de ensino, (universidades e escolas de nível básico) como também do próprio aluno de graduação para com as escolas. Isso faz com que o profissional do ensino, ao concluir sua carreira acadêmica na sua área de atuação, se choque muitas vezes com a realidade que há nas escolas.

Isso acontece não só devido ao distanciamento físico, como também, a própria teoria que se é vista em sala de aula, durante o período da graduação. A qual, algumas vezes não coincide com a realidade do estudante.

Dentro dessa perspectiva, Selma Garrido Pimenta e Maria do Socorro Lucena Lima, no artigo “Estágio e docência: diferentes concepções” trazema discussão sobre a formação de professores, apresentando como foco desta problematização, a relação da teoria e da prática que se encontram presentes nos estágios supervisionados. Nesta discussão se levantam questionamentos a serem analisados, sendo para elas o estágio como um instrumento pedagógico que traz contribuições que ultrapassam a ideia de divisão de conceitos entre teoria e prática. E dizem que: “O estágio sempre foi identificado com a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria.” (PIMENTA e LUCENA, 2005/2006, p. 06).

E ainda apontam o seguinte: “[...] Os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem.” (PIMENTA e LUCENA, 2005/2006, p. 06).

Ou seja, muitas vezes a academia está fechada para o seu próprio âmbito de trabalho, para sua dinâmica, e não se atenta para as mudanças que ocorrem fora dela, principalmente, falando de ensino. Isso pode acontecer devido a pouca ligação que uma instituição de nível superior pode ter com a escola de ensino básico. Disso as discursões ficam distantes e não condizentes com a realidade.

Durante a experiência de estágio na escola, foi possível notar que trazer a teoria no momento da aula é um grande desafio. É muito importante que neste processo de ensino e aprendizagem, o professor se posicione como um intermediário do conhecimento entre seus alunos, e procurar sempre problematizar suas aulas também se torna indispensável.

No artigo produzido por Erica da Silva e a Prof. Dra. Fátima da Cunha, cujo título é “Ensino e História: O uso das Fontes Históricas como Ferramentas na Produção de Conhecimento Histórico”, relatam que se têm formas variadas de fazer essas mediações do conhecimento, e no ensino da história podemos usar diversas formas como os documentos oficiais, músicas, imagens, jornais, enfim, todos estes possibilitam uma forma de chamar a atenção dos alunos.

Durantes nossas regências optamos usar metodologias mais simples e viáveis, como o uso de mapa conceitual, a construção de uma pequena história durante a aula, usando os alunos como personagens e a produção de um mural do conhecimento. Com isso procuramos trazer uma adequação de algo mais simples ao cotidiano da sala de aula.

Contudo, percebemos que durante o processo de aprendizagem teórica da academia, nem sempre iremos “fórmulas prontas” que se apliquem a uma determinada realidade, até porque sabemos que a sociedade está em constante mudança, e com a escola não seria diferente, já que a mesma é o reflexo de uma comunidade ou âmbito.

Notamos isso, pois, um dos primeiros passos que damos quanto estagiários é a observação da escola em seu geral, como na sala de aula. Essas observações nos servem para primeiramente conhecermos a escola e também de nos melhor inserirmos no âmbito escolar. Maria do Socorro Lima Marques França, trabalha no artigo: “Diário de Campo: Notas

Introdutórias”, a importância do diário de campo, isso porque, este mesmo deve e é construído durante as observações.

França (2014) mostra a importância de criar um diário, pois nele é e sempre será rico de informações, pois ele além de não correr o risco do esquecimento, que nós seres humanos temos, também em sua leitura a posteriores possibilita uma análise processual de determinado âmbito, tema. Enfim, nele está contido os relatos descrevendo as ações feitas seja por terceiros como a nossa própria.

Ressaltamos França, pois para montar um diário é preciso que se observe, e a partir disso, possamos avaliar o processo de produção do conhecimento, visando o processo de planejamento e desenvolvimento do trabalho, permitindo ainda a problematização do contexto que se é inserido. (FRANÇA, 2014, p. 02).

Nesse sentido, o que poderíamos fazer seria uma leitura, além dos teóricos, também da realidade e tentar perceber os pontos que se assemelham e também tentar entender o porquê das divergências. O que vale é contrapor pontos e tentar compreender e explicar a realidade da qual se encontra, para que assim possa chegar a alguma conclusão quanto ao processo de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que a intenção, não é de montar uma fórmula, ou fundamentar uma teoria universal. E sim, de analisar e mostrar as divergentes formas que o ensino se propõe. De que, como o desafio é contínuo e diversificado. E dessa forma poder ajudar, ao outro, tanto a conhecer com a pensar junto, para que assim, a construção do conhecimento seja feita.

Sendo assim, aplicar algum tipo de modelo em determinada sala de aula, pode funcionar, assim como também não. Os riscos da resposta, ou o retorno serem negativos são maiores. O que podemos fazer é nos apropriarmos desses modelos, ou seja, na análise feita da realidade vivida, com a teoria lida, fazer um balanço e a partir dele adaptamos ao que se é vivido. Correndo o risco ainda de não atingirmos os objetivos estabelecidos.

Um exemplo disso seria se algum autor do ensino relatasse uma experiência vivida, e que seus resultados foram considerados por ele, positivos. Então, nesse caso analisaríamos se seria possível efetuar a mesma atividade em sala, levando em consideração a estrutura física da escola, a organicidade e condiz com a ação pedagógica da escola. Além

disso, se a dinâmica da turma possibilita a execução da atividade. Se diante desses pontos, a resposta for negativa, pode-se fazer uma adequação da atividade.

Cabe ressaltar que a intenção não é de montar modelos, ou formas, mas sim de construir possibilidades de saberes. Das quais possam gerar em mais e mais ideias para a construção do ensino.

Porém, enfrentamos problemas com a realização dessas atividades, um deles seria a própria estrutura física e material da escola. Onde muitas vezes, não tem um aparato suficiente para atender a demanda e necessidades que uma sala de aula exige.

Essa realidade ainda existe, mesmo perante as Leis da LDB (Leis de Diretrizes e Bases) da Educação, que determina a boa demanda de recursos materiais, com a finalidade de promover um melhor e mais abrangente processo de aprendizado. Contudo, por não se suceder, possibilita com isso, gerar desestímulo, tanto do professor em produzir algo, como do aluno, que se desinteressa em aprender, pois a forma da qual se está tentando aprender não lhe agrada.

Dentro dessa perspectiva de dificuldades que podemos encontrar na escola e em sala de aula, outro ponto que vimos, foi à dificuldade diária da professora em ter que ministrar aulas que não correspondem a sua área de atuação.

Isso, porque, as escolas da rede pública, em um dos seus grandes problemas, aceitam e fazem esse tipo de ação devido ao preenchimento de carga horária do professor. Que por sinal, é bastante extensa, além de sobrecarregada, onde não possibilita a uma melhor elaboração das aulas. Prejudicando assim, nitidamente as aulas diariamente. Desestimulando e atrapalhando além do profissional, como também, e principalmente, o aluno.

Esse problema, ainda reflete consideravelmente na metodologia de ensino do professor em sala de aula. Isso, pois, por não ter qualificação na área de que está lecionando, o docente acaba que por seguir o recurso que lhe mais for fácil e acessível a seu ponto, que seria o livro didático.

O livro didático em si, é um material didático e como sabemos, tem algumas problemáticas, como qualquer outro. Entre eles a forma em que o conteúdo está sendo colocado. Pois além de ser muito fragmentado, ainda apresentam muitas vezes correntes de

pensamentos, que podem levar ao professor que não está capacitado o suficiente para fazer uma análise do mesmo. Nicholas Davies, em seu artigo intitulado “Livro Didático: Apoio ao professor ou vilão ao professor ou vilão do ensino de História?”, afirma essa questão do desafio entre o professor e as problemáticas do livro didático, afirmando: “[...] o professor, se tiver uma formação teórica e política sólida, poderá trabalhar as limitações do LD.” (DAVIES, 1996, p. 82).

Não queremos dizer que o livro didático não seja usado, ou que o mesmo seja descartado. Mas sim, nos alertamos para que nos possamos fazer um trabalho metodológico em cima do mesmo. Isso, pois, antes de tudo, ele é um recurso didático e como qualquer outro apresenta limitações, falhas, e merece ser estudado, analisado, complementado, a fim de possibilitar um bom uso desse recurso que muitas vezes é o único que a escola proporciona tanto para o professor, quanto e principalmente para os alunos. Contudo, Davies (1996) fala que:

[...] os problemas que o LD apresenta não serão resolvidos plenamente com escolas „ideais” ou com livros didáticos que solucionem estes problemas, uma vez que a escola, o livro e o professor fazem parte de uma sociedade de classes, cuja lógica maior é a constituição do indivíduo passivo, obediente, dócil, que encare a realidade atual como o „fim da História”, um indivíduo que não seja como sujeito do conhecimento e da história, que seja espectador da história, que não perceba a história em sua totalidade e temporalidades múltiplas.” (DAVIES, 1996, p. 83).

Cabe ressaltar aqui que, o livro didático não é um suposto vilão, ou uma ferramenta desnecessária ou ultrapassada. Mas que é importante fazer sempre uma análise perante a este recurso, como bem coloca Davies, na citação acima.

Além disso, como já foi mencionando anteriormente, o LD um recurso didático como qualquer outro. Tanto que se pode ministrar uma aula produtiva com apenas esse material, sem precisar de novas linguagens, ou seja, sem as tecnologias. De tal maneira que, Davies (1996) fala ainda que esses recursos tecnológicos, “... não são necessariamente menos positivistas, ‘factuais’ e ideológicos do que os LD e, portanto, não resolvem o problema do LD.” (DAVIES, 1996, P. 82).

Neste período em que ficamos inseridos dentro da escola nos foi possível observar diversos aspectos sobre o atual modelo de educação básica nas escolas públicas municipais. É visível que por muitas vezes o professor se depare com condições difíceis de trabalho, isso

devido forma que educação é tratada no país, onde o que se visa é apenas uma mão de obra com o mínimo de qualificação destinada ao trabalho mais mecânico.

Dentro dessa perspectiva, dos obstáculos que enfrentamos quando nos deparamos com realidade do ensino José Olivenor Souza Chaves e Maria Inês Sucupira Stamatto, no texto “Ensino Básico entre a Teoria e a Prática Docente”, relatam da desilusão de uma professora que sai recentemente dos seus estudos e se depara com a escola da qual ela leciona, eles dizem o seguinte:

Segundo a referida aluna/professora, as reais condições na qual se encontrava para desenvolver suas habilidades e competências pedagógicas, oriundas de sua formação acadêmica, a levou a uma profunda decepção, logo convertida em angústia, reverberada, com maior jugo, cada vez que se aproximava à hora de assumir suas funções de professora na escola localizada na periferia da cidade. A angústia tinha origem no sentimento de impossibilidade e até de incapacidade de fazer uso, naquele ambiente de trabalho, naquelas condições sócio-educativas, do conjunto de conhecimentos que houvera aprendido e apreendido no curso de Pedagogia, base teórica de sua formação. (CHAVES E STAMATTO, 2014, p. 2014).

Diante disso, percebemos que existe uma grande diferença entre o que nos é ensinado no período da graduação para o que se tem realmente nas escolas. Perante isso, o que podemos fazer de imediato é nos adaptamos e nos apropriamos do que temos, ou seja, dentro do possível tentarmos sempre dialogar com que temos de fato, com aquilo que aprendemos durante a graduação. Criando estratégias e maneiras de melhor aplicar em seu contexto.

É de grande necessidade que se destaque a importância do exercício de ensinar para sociedade, sendo esta responsabilidade deixada a cargo do professor. Nós professores temos o papel de formar um cidadão com um senso crítico, conhecedor de seus direitos e que saiba se posicionar perante a sociedade a qual vive. Além disso, este profissional desempenha a função de mediador da aprendizagem. O autor Manoel Fernandes de Sousa Neto, Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em seu artigo “O Ofício, a Oficina e a Profissão: Reflexões Sobre O Lugar Social Do Professor” traz uma reflexão que vem discutindo o papel social do professor, buscando com isso a compreender a historicidade da profissão, ressaltando nesta discussão o papel da dimensão pessoal e política de quem opta pela profissão de professor. Com isso o autor, vem ressaltando a responsabilidade destes desempenham este ofício, formador de outras profissões, sendo este destacado com algo de grande importância.

É de grande importância trazer uma discussão com relação a uma formação continuada que cada professor deve ter depois de sua graduação. Faz-se muito necessário que mesmo na condição de graduado, o professor mantenha uma proximidade com a universidade, com isso, sempre dando seguimento a formação adquirida durante o período em que esteve na graduação.

Com isso, objetivamos manter o professor presente ao meio ao qual foi formado, contribuindo assim, para que ele esteja sempre se atualizando nas suas práticas em sala. Ainda neste mesmo aspecto, as relações de proximidade entre as escolas e universidades contribuem para uma complementariedade muito-a de ambas, onde se beneficiam com a aquisição de conhecimento e a realização de práticas que trazem experiência.

É importante que se tenha em mente, que o período passado na universidade é apenas um marco inicial em nossa formação, pois é durante a graduação que adquirimos a essência de nossa formação profissional, deve ser aprimorada e amadurecida a partir das práticas vivenciadas na escola.

Durante nossas observações, percebemos o quanto se faz necessário que o professor não se distancie da sua instituição formadora, pois de certa forma essa proximidade contribui para que o mesmo não desanime frente às dificuldades no exercer de sua profissão. Destacamos ainda, que na qualidade de educadores devemos perceber que as vivências em sala de aula, também são fontes de conhecimento que trazem uma contribuição para nossa formação.

Outro fator importante a ser discutido, é que o professor lecionem a disciplina ao qual foi formado, pois colocar um educador com outra formação para ensinar pode causar prejuízos tanto para o educador, como para os alunos, infelizmente esta prática é muito recorrente na escola básica, principalmente nas disciplinas que são interdisciplinares, tendo como exemplos muito frequentes professores de história ministrando aula de geografia e entre outros.

Práticas como estas podem acabar por fragilizar o ensino, pois, embora as duas matérias sendo interdisciplinares, cada uma tem suas particularidades, e os profissionais destas áreas, também tiveram uma formação particular de cada um, podemos dizer que

métodos como estes, de colocar o educador para lecionar uma matéria ao qual não é formado acaba prejudicando o ensino.

É possível perceber que no decorrer dos anos, com as práticas modernas, cada vez mais os educadores se deparam dentro de sala de aula com elementos que retiram a atenção dos alunos durante as aulas. Cabe assim, ao professor trazer estes artifícios ao seu favor, inserindo a utilização destes recursos durante as suas aulas, desta forma não se opondo a este processo de modernidade que se faz presente dentro da sala de aula.

Assim, ressaltamos a importância do estágio supervisionado, onde as autoras Pimenta e Lucena, entre muitas considerações trabalhadas em seu artigo, aqui mencionado, chegam à reflexão que o estágio é um campo que possibilita pesquisas e que durante este processo podemos encarar, não como apenas mais uma disciplina do curso, mais como um período ao qual temos a oportunidade de se relacionar com o mais próximo possível do real.

O papel da Prática da docência na formação dos professores, sem dúvida alguma é de grande necessidade. Principalmente durante o período do estágio, passamos pro um processo de construção de aprendizagens, pois é a partir deste momento é que temos a oportunidade de manter um contato direto com a escola básica.

No processo de construção de aprendizagens é de grande necessidade que se tenha o hábito de fazer reflexões, pois a construção do conhecimento emerge a partir de nossas vivências, quando trocadas, discutidas e teorizadas trazem uma grande contribuição para a formação dos profissionais da área da educação.

Na formação dos professores o estágio age como um articulador entre a teoria e a prática, ou seja, é durante o período em que estamos estagiando que conseguimos trazer a parte teórica para aula, no entanto, fazer essa esta articulação é um grande desafio, principalmente devido condições com as quais nos deparamos na escola básica.

CONCLUSÃO

A realização da prática docente, muito veio a contribuir para nossa formação como profissionais da educação. Sobretudo enfocamos as contribuições trazidas durante todo este processo desde os primeiros contatos com a escola, até chegar nas regências.

Durante as primeiras visitas à escola, já foi possível perceber uma aproximação da realidade, nesta em que os alunos da escola básica estão inseridos, pois foi é notório que nos deparamos com uma estrutura simples, sem grandes suportes para receber estes alunos, no entanto é visível que mesmo mediante as condições obtidas, os professores procuram realizar um trabalho que possa contemplar seus objetivos durante as aulas.

No período das observações, onde ficamos mais próximas dos alunos, foi possível compreender melhor, a dinâmica em sala de aula, na posição de observadoras nos foi permitido compreender pequenos detalhes do procedimento da aula, o simples ato de fazer registros dessas observações muito vieram a contribuir no momento de preparar nossas aulas.

A experiência do estágio foi interpretada como um momento de aprendizagem, onde a troca de experiências entre nossos colegas de curso muito veio a contribuir, temos a certeza que foi muito proveitoso todo este período que passamos inseridos na escola, conhecendo o cotidiano dos alunos e professores e a forma com que se da o processo de ensino e aprendizagem.

A partir do momento em que fazemos os registros e relatos de nossas vivencias no meio escolar, foi possível fazer reflexões relacionando o que aprendemos na teoria e o que vivenciamos na prática, pois fazer esta análise e reflexão muito contribuiu para nossa formação de profissionais da educação.

Enfim, consideramos todo o processo muito proveitoso, para nossa formação, acreditamos que contribuiu muito para um amadurecimento durante o nosso curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, José Olivenor Souza e STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Ensino Básico entre a teoria e a Prática Docente. **In I ENITEFH- Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas.** Fortaleza- Ceará. Anais do IV Encontro Norte-Nordeste Trabalho, Educação e Formação Humana-ENNTEFH.2014. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/2a2587_ec38a20fdd2646528a1c66d09626a0d9.pdf>. Acesso: 11 de fev 2015.

DAVIES, N. **O Livro Didático: Apoio ao Professor ou Vilão do Ensino de História.** Cadernos de História. Uberlândia, 6(6): 81-85, 1996.

FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Diário de Campo: notas introdutórias**. [2014]
Versão preliminar.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA:
DIFERENTES CONCEPÇÕES. IN **Poíesis Pedagógica**, [S.l.], v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24,
jul. 2010. ISSN 2178-4442. Disponível em:
<http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542>Acesso em: 11 de fev
2015.. doi:10.5216/rpp.v3i3 e 4.10542.

LIMOEIRO DO NORTE. Secretária Municipal da Educação. PPP- Projeto Político
Pedagógico: **Uma Construção Coletiva**. Limoeiro do Norte- CE, 201-. PPP- Projeto
Político Pedagógico Escola de Ensino Fundamental Valdetrudes Edith Holanda.

LIMOEIRO DO NORTE. Secretária Municipal da Educação Básica- SEMEB. **Regimento
Escolar**. Limoeiro do Norte- CE, 2010, Regimento Escolar de Ensino Fundamental
Escola Valdetrudes Edith Holanda.

XAVIER, Erica da Silva. Ensino e História: o uso das fontes históricas como ferramentas na
produção de conhecimento histórico. In **Seminário de Pesquisa em Ciências
Humanas**. (8 : 2010 : Londrina, PR.) Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Ciências
Humanas SEPECH / organizado por Raquel Kritsch e Mirian Donat. – Londrina: Eduel,
2010. Disponível em
<[http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/ensino_e_historia_o_uso_das_fonte
s_historicas_como_ferramentas_na_producao_de_conhecimento_historico.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/ensino_e_historia_o_uso_das_fontes_historicas_como_ferramentas_na_producao_de_conhecimento_historico.pdf)>.
Acesso: 11 de fev 2015.